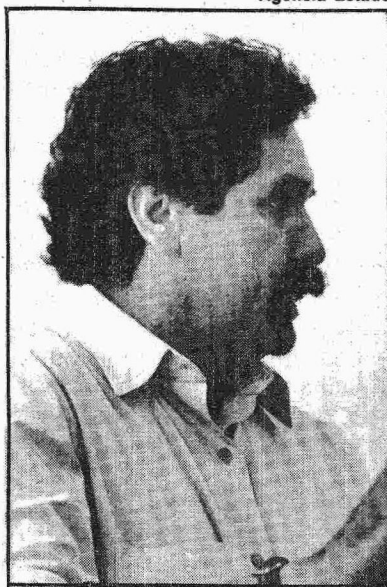


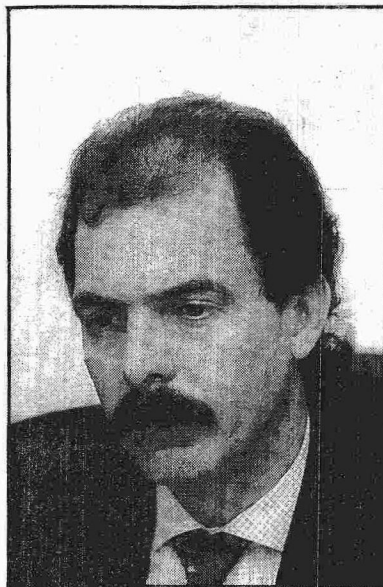
Eleições podem deixar estrelas do PT sem mandato

JOSÉ LUIZ LONGO

Agência Estado



Olívio: candidato ao Governo gaúcho



Mercadante: vice em vez de reeleição

Direção do partido é dos 'sem-voto'

SÃO PAULO — Um foco de crise do PT é a sua atual direção nacional. Internamente, é chamada, ironicamente, de a "direção dos sem-voto", por ter em sua maioria quadros oriundos da burocracia do partido, sem qualquer vinculação com o eleitorado.

Apesar das exceções, muitos dos dirigentes da campanha alçam a esta condição se beneficiando das disputas internas e da omissão de Lula na condução do processo. Rui Falcão, presidente do partido, Marcus Sokol, coordenador de comunicação — ambos ligados a correntes mais radicais do PT — são exemplos disso. Lula chegou a acreditar que a perspectiva de vitória sufocaria as divergências internas e compensaria a fragilidade da atual direção.

Entre os colaboradores da campanha de Lula e mesmo entre os coordenadores de campanhas estaduais é comum ouvir críticas ao amadorismo dos atuais dirigentes. Sucessivos erros de avaliação impediram Lula de reagir prontamente às dificuldades de sua campanha. O isolamento de sua candidatura nos estados também é atribuído à pouca habilidade política desses dirigentes que, para chegarem a seus postos, tiveram que fazer articulações com grupos menos representativos do partido nos estados. Com a derrota de Lula, muitos avaliam que começará a derrocata da atual direção, o que abriria caminho.

SÃO PAULO — Uma eventual derrota de Luiz Inácio Lula da Silva não significará apenas um abalo na sua liderança. Também poderão ser sacrificados os principais quadros políticos do PT, que se lançaram para cargos majoritários nessas eleições. Eles podem estar fadados à mesma derrota nos planos locais e não terão o consolo de ser aproveitados no Governo federal.

Para um colaborador da campanha petista em São Paulo, será uma perda muito grande para o partido abrir mão de vários parlamentares brilhantes, que desistiram de disputar a reeleição para concorrer a outros cargos, mas têm possibilidades remotas de conseguirem êxito.

— Mas eles podem até dar sangue novo à cúpula do PT, na medida em que só terão o caminho de voltar a atuar mais diretamente na máquina do partido — pondera esse colaborador.

Com Lula derrotado, fica sem mandato o deputado Aloizio Mercadante, que trocou uma reeleição praticamente garantida pela vice na chapa do candidato presidencial petista, encorralado com o êxito do Plano Real e as denúncias contra o senador José Paulo Bisol (PSB-RS).

— Parece que meu destino é entrar sempre em bola dividida. Mas foi uma atitude consciente, atendendo à convocação do partido — diz Mercadante.

Considerada até há pouco candidata imbatível ao Senado, Luiza Erundina agora se vê ameaçada por José Serra, do PSDB, e

Romeu Tuma, do PL. Se Lula ganhasse a Presidência, seria um nome cotado para compor o seu Governo. Se perder a disputa para o Senado, será outra ilustre petista sem voto.

Situação semelhante vive o deputado José Dirceu. Candidato com remotas chances ao Governo de São Paulo, Dirceu seria um dos nomes quase certos para compor o Governo de Lula.

Outro caso que ilustra o problema vivido pelo PT vem do Sul. Olívio Dutra pode perder a disputa para o Governo do estado ainda no primeiro turno para Antônio Britto (PMDB), depois de ter conseguido a façanha de fazer o sucessor na Prefeitura de Porto Alegre. Na hipótese da derrota de Lula, poderá ser chamado a ajudar na reconstrução da direção do PT, aproveitando a experiência de ex-presidente na-

cional do partido. Em campanha, Dutra se recusa a trabalhar com hipóteses.

A situação se reproduz em outros estados. Em Santa Catarina, a deputada Luci Choinacki trocou uma reeleição quase certa para disputar uma vaga para o Senado em flagrante condição de inferioridade.

No Rio de Janeiro, o deputado Vladimir Palmeira também resolveu não concorrer à reeleição para tentar disputar a Prefeitura da capital. Perdeu na convenção para Jorge Bittar e não se anima a retomar a atividade burocrática do partido.

Para compensar esse quadro, o PT estima que deverá eleger parlamentares em estados hoje não representados pelo partido, nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste.